ISSN: 2358-8829

O TRABALHO DOCENTE NO CONTEXTO DAS RELAÇÕES SOCIAIS: REFLEXÕES PARA UMA EDUCAÇÃO HUMANIZADORA

Anderson Clay Rodrigues [1]
José Vicente de Souza Aguiar [2]
Lucinete Gadelha da Costa [3]

INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, observamos movimentos de natureza acadêmica que trazem à tona vestígios de fortalecimento do trabalho docente no contexto amazônico, a partir de discussões empreendidas nas universidades e do surgimento de programas de pós-graduação que reavivam a importância do "ser professor" e que reconhecem a importância das experiências por este construídas numa escala regional em torno da cultura local.

A constituição da identidade amazônica do professor propõe pensar a educação além dos modelos construídos historicamente com um olhar sobre a realidade escolar e as influências que são abstraídas do contexto social, que são refletidas na figura do (a) professor (a) e estão representadas por dificuldades, principalmente pela desvalorização profissional, a pressão para obter bons resultados e dificuldade de adaptação às novas tecnologias.

Tudo isso demonstra o quanto tem sido desafiador o exercício da função desse profissional para construção de um papel significativo frente aos movimentos atuais da educação contemporânea. Por isso, é fundamental refletirmos sobre a ótica das relações sociais contraditórias em que de um lado, o professor, é um profissional indispensável à sociedade, atendendo até as funções de responsabilidade da família e

[1] Doutorando e Mestre em Educação em Ensino de Ciências na Amazônia pela Universidade do Estado do Amazonas – UEA (2019); e-mail: acr.dca25@uea.edu.br
[2] Doutor em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul; Mestre em Sociedade e Cultura Universidade Federal do Amazonas – UFAM (2000); e-mail: jvicente@uea.edu.br
[3] Doutora em Educação pela Universidade Federal da Paraíba (2012); Professora Associada da Universidade do Estado do Amazonas - UEA; lcosta@uea.edu.br

ISSN: 2358-8829

do Estado e, por outro lado, sofre desvalorização pelo sistema social que precisa de sua força de trabalho.

Este estudo assume uma postura de resistência contra atos que alienam e refutam práticas de mera reprodução da educação bancária e ressignificam o poder de estar vivo e construindo possibilidades no processo formativo dos sujeitos com uma visão autônoma e consciente criticamente dos seus atos.

De acordo com esta proposta de educação desenvolvida no contexto escolar amazônico ora apresentado, buscamos compreender a visão dos escritos pelos autores com base na indagação: Quais as contribuições do trabalho docente para uma educação humanizadora frente aos processos que assume propositura capitalista? Desse modo, pretendemos refletir sobre o trabalho docente no ensino de ciências pautado numa concepção de educação humanizadora.

Para o desenvolvimento deste trabalho optamos pela abordagem metodológica que se deu com a realização da pesquisa bibliográfica que, segundo Marconi e Lakatos (2010), que abrange toda bibliografia tornada pública em relação ao tema de estudo. Durante o processo se recorreu a teóricos com abordagem da temática com análise das obras físicas “Estar vivo: ensaios de movimento, conhecimento e descrição, de Tim Ingold (2011); “O capital” e de Karl Marx (2024) “Ideias para adiar o fim do mundo”, de Krenak (2025), que se complementam na reflexão deste estudo.

De acordo com a dinâmica do processo, para Laville e Dione (1999), o pesquisador é um ator agindo e exercendo sua influência, o que demonstra a importância de um papel ativo e dinâmico em busca de informações que subsidiarão nossas ponderações sobre a temática. Desse modo, os dados alcançados fornecem os meios necessários para definição dos caminhos e avanços nas considerações da problemática aqui proposta.

Com esse procedimento de observações dos escritos encontrados, Laville e Dione (1999) propõe revisar as obras dos autores disponíveis, objetivando selecionar os principais elementos para reflexão deste trabalho acadêmico. Nela tentamos encontrar essencialmente os saberes e as informações relacionadas com a questão

posta, principalmente a abordagem dos autores em face ao desenvolvimento do trabalho docente produzido no contexto educacional amazônico.

Nesse processo, Laville e Dione (p. 113, 1999) afirma que essa estratégia "é um percurso crítico, relacionando-se intimamente com a pergunta à qual se quer responder, sem esquecer que nem todos os trabalhos despertam interesse, nem são igualmente bons, nem tampouco contribuem da mesma forma". Em caráter prático, a pesquisa nos possibilita o acesso aos dados importantes que fundamentam os argumentos diante do processo em tela. Com isso, avança-se na compreensão das necessidades próprias dos elementos que compõem a finalidade de respostas ao problema.

De todo modo, empreendemos na observação do processo dinâmico que se constitui, como infere Markoni e Lakatos (2010, p. 83), ao definir que "a dialética compreende o mundo com um conjunto de processos". E para isso, nossas proposições são baseadas na análise do conteúdo que nos apoiamos na forma constituída pelas etapas na qual construiremos as ponderações frente aos fatos observados nos documentos, segundo Laville e Dione (p. 227, 1999):

> O pesquisador decide prender-se às nuances de sentido que existem entre as unidades, aos elos lógicos entre essas unidades ou entre as categorias que as reúnem, visto que a significação de um conteúdo reside largamente na especificidade que escapa amiúde ao domínio do mensurável.

O indivíduo inserido na realidade, participa de forma concreta e de maneira objetiva, assim exerce ações sobre a natureza a tal modo que se adequa aos seus interesses e necessidades que se configuram nas relações sociais. No entanto, o que se cria no decorrer do processo é fruto de suas próprias representações, das quais estão relacionadas à essência de conceitos que surgem dos fenômenos da realidade.

Assim sendo, o processo aqui constituído será subsidiado pelos dados da pesquisa bibliográfica, em que cada elemento, tem enorme relevância uma vez que auxiliará nas reflexões e análises dos resultados, estabelecendo conexões com o processo de valorização do trabalho docente e suas relações sociais e o mundo natural.

ISSN: 2358-8829

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Conforme aponta o livro Estar vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição, de Tim Ingold (2015) as principais ideias nos mostra que é necessário pensar a vida como uma obra de arte e é indispensável rever a nossa caminhada. Explora a relação entre o ser humano e o mundo ao seu redor, destacando a importância do movimento e da percepção na construção da experiência humana.

A prática de observar os fluxos e percursos da vida instaura a possibilidade de repensar também as nossas relações com o meio natural, no qual estamos intimamente ligados ao propor que:

> Mover, conhecer e descrever, no entanto, demandam mais do que estar em, ou imersão. Demandam observação. Um ser que se move, conhece e descreve deve estar atento. Estar atento significa estar vivo para o mundo. Este livro é uma coleção de estudos sobre estar vivo. (INGOLD, 2011, p.18)

Para Ingold (2015), a vida, em suma, é um movimento de abertura, não de encerramento. Nesse percurso a observação é parte essencial para o conhecimento e descrição de tudo que estar presente no mundo. Além disso, infere que,

> Tudo começou com a questão acerca do que significa dizer dos seres humanos que sejam produtores de suas vidas. Mas não deixei de pensar sobre esta questão, uma vez que ela deu luz a outra: como é que, na produção de suas vidas, os seres humanos criam a história? Como, se assim de fato o for, deve esta história deve ser distinguida do processo de evolução no qual todas as criaturas vivas supostamente encontram-se apanhadas? Tampouco deixei de pensar acerca da história quando comecei a ver, no que chamei de perspectiva do habitar, uma maneira de superar a divisão arraigada entre os “dois mundos” da natureza e da sociedade, e de reinserir o ser humano e o devir no interior da continuidade do mundo da vida. E não cessei de pensar sobre o habitar nas minhas atuais explorações na antropologia comparada da linha, que cresceu a partir da constatação de que cada ser é instanciado no mundo como um caminho de movimento ao longo de um modo de vida (p.26).

De certo modo Estar Vivo descortina a tradição intelectual da forma de observar o mundo dos imperativos dos objetivistas e faz crítica da ciência pela ótica cartesiana. Ele traz um olhar modernista quanto ao significado da vida. Ingold (2015) rever os esforços e restaura a antropologia à vida, que parecem recair em aproximadamente

quatro fases, cada uma das quais gira em torno de um único termo-chave. A primeira fase foi sobre o significado de produção; a segunda foi sobre o significado de história. Na terceira fase estive preocupado habitar. A última fase – aquela em que me encontro agora – é uma exploração da ideia de que a vida é vivida ao longo de linhas.

Para Ingold (2015, p.54) "investigar a vida humana é, portanto, explorar as condições de possibilidade em um mundo povoado por seres cujas identidades são estabelecidas, em primeiro lugar, não por atributos recebidos, específicos de uma espécie ou de uma cultura, mas por realização produtiva".

Nesse sentido, é adequado atribuirmos importância ao movimento e a percepção, isso nos lembra que a experiência humana é fundamentalmente corporal e sensorial. Estamos envoltos em uma lógica ocidental invertida que separa os seres vivos e o ambiente. Tão importante quanto os seres humanos, a manutenção da conexão com o meio ambiente é fundamental para apropriação dos elementos que dão sentido à vida. Quanto a essas percepções, Ingold (2015, p.74) traz à memória:

> Imagine um rio, que flui ao longo de margens de ambos os lados. Suponha que as margens do rio estejam ligadas através de uma ponte. Podemos então atravessar pela estrada desde uma localização de um lado para um local no outro. A ponte, portanto, estabelece uma conexão transitiva entre os dois locais. Mas o rio, correndo sob a ponte em uma direção ortogonal à estrada, nada conecta a coisa alguma. Em vez disso, ele simplesmente flui, sem começo nem fim, erodindo as margens em cada lado e ganhando velocidade no meio.

Conforme as pessoas, no curso de suas vidas cotidianas, fazem o seu caminho a pé por um terreno familiar, assim os seus caminhos, texturas e contornos ganham novos significados, variáveis através das estações do ano que são incorporados em suas próprias capacidades corporificadas de movimento, consciência e resposta.

A obra de Ingold (2015) nos instigou ao olhar de ressignificação quanto a forma de organização do percurso da pesquisa, o qual contribui para o exercício poético apresenta mais suavidade no caminho de estudo em construção. A começar pela nossa temática denominada "O ensino de ciências na educação integral: um olhar sobre o trabalho docente em escolas públicas de Manaus/AM, *do rio ao asfalto*", inclui o termo "do rio ao asfalto" como contextos, fazendo referência à localização das instituições e o território que representam, estes comporão os espaços de levantamentos

e construção dos dados. Assim sendo, o "rio" é visto como cenário, meio natural que flui sobre a superfície terrestre apresentado em forma de descritiva, que se perfaz de:

Desejo líquido a desvendar o sono,
O rio flui a desaguar no sonho.
Nas margens navega e contagia,
A correnteza que canta a sinfonia.

O seu trejeito abre caminhos,
Tão sinuoso e majestoso, por vezes estranhos.
Espelho d'água refletido, guarda os segredos e medos
Beleza rara que circula, o rio é fonte de segredos.

O rio é um berço, onde a vida nasce e cresce,
Seja foz, leitos, afluentes ou nascentes.
É reflexo da mudança, do fluxo e renovação.
No contexto amazônico é fruto de circulação.

Suas margens são um refúgio do Xingu ao Tapajós,
Seja o Negro, o Amazonas ou Madeira.
O rio segue seu curso do Branco ao Juruá,
São rios pretos, claros e barrentos com seus mistérios a revelar.

Esses rios atraem, encantam e fascinam,
Representam a poesia, beleza e a harmonia da vida.
Eles nos lembram que viver é movimento,
É estar vivo, atento. Navegar é preciso navegar a todo momento.

Fonte: Elaboração própria (2026)

Diante disso, percebemos que a vida está nas coisas e não as coisas está na vida, Ingold (2015, p. 75-76) reforça essa questão ao inferir que é preciso "seguir o que está acontecendo, rastreando as múltiplas trilhas do devir, aonde quer que elas conduzam. Rastrear esses caminhos é trazer a antropologia de volta à vida". Tudo imputa sentido

no momento em que esse fluxo se torna permanente e o movimento de criação e transformação das realidades acontecem.

Portanto, continua para Ingold (2015, p. 121) afirmando que “enquanto o mundo físico existe em si e por si, o meio ambiente é um mundo que continuamente se desdobra em relação aos seres que sobrevivem aí. Sua realidade não é de objetos materiais, mas para seus habitantes”. De certo modo é necessário considerar as atividades e não apenas os objetos em si.

O caminhar engajado na perspectiva de Ingold (2015) restaura a antropologia da vida e recai no olhar sobre o conceito de produção, trazendo elementos da abordagem de Karl Marx (2024), em que aponta ou, em poucas palavras, enquanto a produção de coisas nos fornece objetos para consumir, consumir coisas nos dá ideias do que produzir.

Seguindo essa lógica a divisão do trabalho e a manufatura em Marx (2024) reflete o quanto falta sentido para o trabalhador que não visualiza todas as etapas que acontecem na linha de produção da fábrica, conforme ilustrado a seguir:



Disponível em: www.alemdosmuros.org

Esta ilustração demonstra exatamente o processo que o trabalhador enfrenta no seu cotidiano, onde a repetição contínua da mesma ação limitada e concentração permanente nela da atenção do trabalhador, nos ensinam, conforme indica a experiência, ao atingir o efeito útil desejado com um mínimo de esforço.

Segundo Marx (2024, p. 378) ”a manufatura produz realmente a virtuosidade do trabalhador mutilado, ao reproduzir e levar sistematicamente ao extremo dentro da oficina, a especialização natural dos ofícios que encontra na sociedade”, por outro lado, sua ação de transformar o trabalho em profissão eterna de um ser humano, corresponde à tendência de sociedade, tornando-os atos de produção involuntários

ISSN: 2358-8829

que determinam as condições históricas construídas ao longo do tempo de exploração do trabalhador, tornando o indivíduo refém de toda forma de exploração da sua força de trabalho.

No sistema capitalista, o principal objetivo dos meios de produção é gerar riquezas por meio da exploração desse trabalhador. Os produtos do trabalho se transformam em mercadorias que geram a moeda de troca, determinadas pelo dinheiro, assim Marx (2024, p. 105) acrescenta que "o dinheiro é um cristal gerado necessariamente pelo processo de troca e que serve, de fato, para equiparar os diferentes produtos do trabalho e, portanto, para convertê-los em mercadorias."

Sabemos que no contexto em que vivemos, determinados pela globalização e oriundas do sistema capitalista, acabamos nos submetendo aos desmandos do capital e do poder que o dinheiro tem sobre a vida do ser humano. A exploração do capital é um quadro real que enfrentamos no dia a dia, onde cada vez mais é determinante a posição que você alcança e o nível de desigualdades que existem são alarmantes. Como educadores, precisamos combater as fortes influências que demandam o poder do dinheiro sobre as pessoas, despertando consciências. E com uma visão crítica do processo, podemos ser sujeitos de resistência e agir na medida em que levamos à reflexão tanto na vida pessoal, quanto na superação das abordagens alienantes da educação bancária (termo de Freire, 2000), no contexto da sala de aula.

Nesse sentido, Marx (2024, p. 293) constata:

> Fica desde logo claro que o trabalhador, durante toda a sua existência, nada mais é que força de trabalho, que todo o seu tempo disponível é, por natureza e por lei, tempo de trabalho, a ser empregado no próprio aumento do capital. Não tem qualquer sentido o tempo para a educação, para o desenvolvimento intelectual, para preencher funções sociais, para o convívio social, para o livre exercício das forças físicas e espirituais, para o descanso dominical, mesmo no país dos santificadores do domingo.

Para o modelo de exploração capitalista não tem sentido dispor de tempo para outras atividades, senão a laboral. A falta de tempo livre fortalece o propósito do explorador, para que não possam desenvolver a consciência crítica do seu estado de opressão, bem como, investimento em momentos de descanso e lazer. Tudo isso envolve segundo Marx (2024, p. 683):

> A lei da acumulação capitalista, mistificada em lei natural, na realidade só significa que sua natureza exclui todo decréscimo do grau de exploração do trabalho ou toda elevação do preço do trabalho que possam comprometer seriamente a reprodução contínua da relação capitalista e sua reprodução em escala sempre ampliada. E tem de ser assim, num modo de produção em que o trabalhador existe para as necessidades de expansão dos valores existentes, em vez de a riqueza material existir para as necessidades de desenvolvimento do trabalhador. Na religião, o ser humano é dominado por criações de seu próprio cérebro; analogamente, na produção capitalista, ele é subjugado pelos produtos de suas próprias mãos.

Esta condição do trabalhador exige mudanças que nos alertam e levam a repensar a forma de cultura que socialmente tem se constitui por séculos. Já que não é possível transformar um mundo já formado com os ideais capitalistas, podemos projetar um novo sentido e novas percepções. É no chão que o mundo é percebido, apesar da dificuldade humana em manter contato direto com a superfície terrestre devido as obras do progresso, os pés são revestidos de peças de vestuário que cobrem e protegem contra o ambiente.

A falta da cultura do chão torna as pessoas mais insensíveis na relação homem-natureza. Desse modo, Ingold (2015, p. 133) infere que “em contrapartida, o pé humano, com o seu dedão relativamente imóvel, tem tudo, mas perdeu a sua função preênsil original, tornando-se pouco mais do que um pedestal para o resto do corpo, enquanto todo o importante trabalho de segurar, sentir e gesticular é delegado às mãos”.

Os pés tocam o chão ou pelo menos deveriam tocar, tem obstáculo entre o calçado e a superfície onde está o concreto ou asfalto, enrijecem o solo e evitam o contato com o meio natural. No segundo contexto da nossa temática de estudo o “asfalto”, meio artificial, símbolo do progresso que evocam sentidos na descrição poética:

Por todos os cantos da cidade, os pés transitam pelo chão.
Faixa de lama negra, marco da civilização.
O asfalto é o elemento, que adornam os movimentos.
É ele quem toca os pés, adorno fugaz de sentimentos.

O asfalto é palco, sob o sol degradante,
Uma superfície fria, uma superfície escaldante.

ISSN: 2358-8829

A noite esfria, a noite endurece,
Ele toma a forma rígida, sob a luz resplandece.

A cidade é concreta, o asfalto está lá,
Presente cenário da vida, de quem vive daqui pra lá.
A vida se desenrola lá fora, é caminho do futuro.
A noite o asfalto é duro, aconchego do escuro.

O movimento é assim, o asfalto é símbolo, parte da circulação.
Toda vida tem significado, o asfalto é estagnação.
Um hiato preciso, do progresso e da ilusão.
Um fio condutor rígido, matéria que cobre o chão.
Fonte: Elaboração própria (2026)

Para Ingold (2015) parece que as pessoas, em suas vidas diárias, apenas roçam a superfície de um mundo que foi previamente mapeado e construído para elas ocuparem, em vez de contribuírem através dos seus movimentos para a sua contínua formação. Com isso Ingold (2015, p. 177):

> É como se, desnudando o corpo de todos os pertences e o chão de todas as características, a essência universal da marcha humana fosse revelada de uma forma livre das particularidades do ambiente e da cultura. Na verdade, porém, não existe essa essência. Pois os sujeitos experimentais da análise do andar já trazem consigo, incorporada em seus próprios corpos, a experiência da arquitetura, do vestuário, dos calçados e a bagagem tirada da vida fora do laboratório.

Estamos um mundo em intensas mudanças e transformações, no entanto, até mesmo o comum, causam impacto na vida do ser humano espanto que advém da valorização de cada momento, como se nele, estivéssemos encontrando o mundo pela primeira vez, sentindo seu pulso, maravilhando-nos com a sua beleza e nos perguntando como um mundo assim é possível. Assim, movimentando-se e aprendendo sobre as conexões da vida, nos faz observar outras possibilidades de interações do eu e o mundo.

Assim como Krenak (2020, p. 61) propõe “o fim do mundo talvez seja uma breve interrupção de um estado de prazer extasiante que a gente não quer perder”. As

ISSN: 2358-8829

mudanças do todo um sistema orquestrado pelo sistema capitalista e que a maioria da população mundial está habituada, a saída é pensar no fim do mundo, uma construção do imaginário para sobrepor todas, ou pelo menos partes, do que tem se construído historicamente. E quando se transfere isso para os bens materiais, para os objetos e as coisas exteriores, se materializa no que a técnica desenvolveu, em todo aparato que se produziu com a exploração do planeta Terra.

Essa é, portanto, a abertura de uma vida que não será contida, que ultrapassa quaisquer limites que possam ser colocados em torno dela, tecendo o seu caminho como as raízes e corredores de uma base sólida através de quaisquer fendas e fissuras que deixem espaço para o crescimento e o movimento no seu entorno.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para explicar o mundo de forma crítica é necessário entender a realidade para transformá-la através do desenvolvimento da prática concreta como resultado do trabalho docente. As forças hegemônicas contribuem com as violências dos indivíduos, tornando-os apáticos e com dificuldade de exercitar seu pensamento crítico. Como percebemos, a lógica ocidental separa os seres do meio ambiente, contudo é necessário, uma reflexão sobre a necessidade de repensar nossas relações com o mundo natural.

No que se refere ao trabalho docente no contexto das relações sociais é importante não perder de vista a indissociabilidade que a teoria e prática tem, reconhecendo como condição da vida humana. Para além disso, compreendemos a visão crítica das relações de produção e das dinâmicas de poder presente no mundo do trabalho. Com base nas reflexões realizadas, concluímos que há um grande potencial no trabalho do professor, contudo, há obstáculos significativos que dificultam mudanças na realidade devido aos processos educativos que são permeados pelas representações ideológicas capitalista sobre a educação.

A construção dessa reflexão contribui para transformar a realidade social por meio da educação, como uma prática capaz de auxiliar no processo de mudança da sociedade com as contribuições do trabalho docente e que colabore com sua valorização profissional. Assim, podemos de encontrar indícios para a construção de uma sociedade mais justa, igualitária e livre da opressão com uma educação humanizadora, apesar de toda propositura capitalista.

Sem perder as esperanças, é possível acreditar no entrelaçamento na proposta fluida das nossas jornadas na construção de caminhos para superação de obstáculos, sendo oportuno entender que estar vivo é mover-se para possibilidades, caminhando em busca de fluxos contínuos e recomeços, num mundo-tempo no qual as vibrações da natureza caracterize a continuação da nossa própria existência.

Com isso, o trabalho docente configura-se como uma importante ferramenta na emancipação dos sujeitos e um exercício para o desenvolvimento da consciência crítica, a qual dissemina cultura por meio das relações sociais. Em face disso, fortalece a formação cidadã e engaja os sujeitos para atuar com responsabilidades nos contextos em que estão inseridos.

Palavras-chave: Professor; Trabalho Docente; Educação Humanizadora.

REFERÊNCIAS

FURASTE, Pedro Augusto. **Normas técnicas para o trabalho científico.** 17ª ed. Porto Alegre: Dáctilo Plus, 2015.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

INGOLD, Tim. **Estar Vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição**. Petropólis, RJ: Vozes, 2015.

LAVILLE, Christian; DIONNE, Jean. **A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo.** 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

MARKONI, Maria de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 7ª ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MARL, Karl. **O Capital: crítica da economia política – o processo de produção do capital (1818-1883)**.1ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2024. Tradução: Reginaldo Sant'Anna.